



11º Encontro Internacional de Política Social 18º Encontro Nacional de Política Social

Tema: Entre o capital e a vida: questão social,
crise ambiental e resistências

Vitória, ES, Brasil, 18 a 20 de agosto de 2026

Eixo: Política Social: fundamentos histórico-teóricos, análise, avaliação e financiamento

Saúde Mental e Permanência Estudantil: Reflexões Sobre o Perfil de Estudantes Universitários

Mirian Cátia Vieira Basílio Denadai ¹

Quezia Cristina Nabor Venâncio ²

Victoria Costa Casagrande ³

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo refletir sobre o perfil de estudantes universitários(as) e as dificuldades acadêmicas que interferem na saúde mental e na permanência estudantil. A pesquisa foi realizada por meio de formulário no Google Forms, aplicado a 123 estudantes de Serviço Social da UFES. O perfil revelou predominância de mulheres cisgênero e jovens entre 18 e 25 anos, evidenciando a relação entre sofrimento psíquico e desigualdades de gênero, considerando o acúmulo de demandas acadêmicas, trabalho e cuidados familiares. Observou-se também predominância de estudantes pretas(os) e pardas(os), em consonância com dados da PNAD, Ipea e Andifes, indicando avanços no acesso ao ensino superior, mas permanência de desigualdades estruturais. Os estudantes relataram que o ambiente universitário contribui para o sofrimento mental, associado a dificuldades financeiras, exigências acadêmicas e insegurança de permanência.

Palavras-chave: saúde mental; permanência estudantil; serviço social; universidade.

Mental Health and Student Retention: Reflections on the Profile of University Students

Abstract; the present study aimed to reflect on the profile of university students and the academic difficulties that affect mental health and student retention. The research was conducted using a Google Forms questionnaire applied to 123 Social Work students at UFES. The results showed a predominance of cisgender women and young students aged between 18 and 25 years, highlighting the relationship between psychological distress and gender inequalities, considering the accumulation of academic demands, paid work, and family care responsibilities. A predominance of Black and Brown students was also observed, in line with data from PNAD, IPEA, and ANDIFES, indicating advances in access to higher education, but also the persistence of structural inequalities. Students reported that the university environment contributes to mental distress, associated with financial difficulties, academic demands, and insecurity regarding academic permanence.

Keywords: mental health; student retention; social work; university.

¹ Doutora em Serviço Social. Professora do Departamento de Departamento de Serviço Social da UFES. Email: mirian.basilio@ufes.br.

² Graduanda do curso de Serviço Social da UFES. Bolsista de Iniciação Científica CNPq. Email: queziavenancio002@gmail.com.

³ Assistente Social graduada em Serviço Social pela UFES. Residência Multiprofissional em Saúde Mental do ICEPi. Email: victoriacasagrandec@gmail.com.

Introdução

Ressalta-se que o interesse pela investigação do tema emergiu a partir de vivências de docentes e discentes no contexto universitário, os quais relatavam experiências de adoecimento mental que impactavam negativamente o processo formativo e, em alguns casos, dificultavam ou até impediam a conclusão da graduação. Essas vivências passaram a ser discutidas em reuniões acadêmicas e constituíram eixo temático de grupo de estudos.

Na primeira etapa da pesquisa sobre universidade e saúde mental, foi possível refletir sobre questões relacionadas ao sofrimento psíquico no ensino superior, bem como sobre o papel das ações de cuidado, pesquisa e extensão no enfrentamento dessa realidade. Os resultados indicam a fragmentação das iniciativas institucionais voltadas à saúde mental discente, evidenciando desafios para a consolidação de uma rede integrada de suporte.

Além disso, destaca-se a necessidade de uma compreensão ampliada do adoecimento mental no ensino superior, considerando suas determinações sociais, econômicas e institucionais. Conclui-se que, para a construção de uma universidade verdadeiramente inclusiva, é fundamental o fortalecimento de políticas de acolhimento, a articulação com o Sistema Único de Saúde (SUS), o desenvolvimento de ações preventivas e a revisão das práticas pedagógicas, de modo a garantir não apenas o acesso, mas também a permanência dos estudantes no ensino superior.

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), diversos países têm registrado aumento significativo nos casos de sofrimento psíquico, especialmente relacionados à ansiedade e à depressão. Entretanto, tais fenômenos não podem ser compreendidos de forma isolada ou estritamente individual, uma vez que envolvem múltiplas determinações sociais, econômicas e políticas. Estudos apontam que os grupos socialmente mais pauperizados são também aqueles mais expostos aos agravos em saúde mental e, simultaneamente, os que enfrentam maiores dificuldades de acesso aos serviços de saúde. No Brasil, estima-se que aproximadamente 19 milhões de pessoas convivam com transtornos de ansiedade e depressão, colocando o país entre os que apresentam maiores índices desses agravos na América Latina (World Health Organization, 2022).

Nesse cenário, torna-se imprescindível analisar criticamente os impactos da atual conjuntura econômica, política e social sobre a saúde mental da população universitária. A expansão da Educação Superior no Brasil está diretamente relacionada às transformações ocorridas no país e no contexto internacional ao longo do século XX, as quais expressam os desdobramentos da dinâmica da ordem social do capital e seus efeitos sobre as diversas dimensões da vida social.

O processo de expansão da educação superior brasileira esteve historicamente articulado às reformas do Estado e à crescente mercantilização desse nível de ensino, evidenciando a subordinação das políticas educacionais às exigências da lógica capitalista, conforme discute István Mészáros (2008). Nesse contexto, a universidade passa a responder progressivamente às demandas do mercado, incorporando práticas produtivistas e aprofundando processos de precarização das condições de ensino, trabalho e permanência estudantil.

O espaço acadêmico encontra-se atravessado por profundas transformações sociais que repercutem diretamente nas condições objetivas de vida dos estudantes. Nesse contexto, a crise estrutural do capital, analisada por Ivanete Boschetti (2016), intensifica processos de precarização da vida social, afetando não apenas a saúde física e mental dos sujeitos, mas também suas condições materiais de existência, suas relações de sociabilidade e suas perspectivas de futuro. A intensificação da dinâmica de mercantilização, impulsionada pelo modo de produção neoliberal, incide sobre a universidade por meio da lógica produtivista, da sobrecarga acadêmica e da precarização das condições de trabalho e da qualidade da formação, afetando diretamente as condições de permanência dos estudantes da classe trabalhadora e, conseqüentemente, sua saúde, conforme aponta Oliveira (2024).

Dessa forma, a limitada compreensão dos impactos dessas transformações sobre a vida estudantil, somada à invisibilização da temática da saúde mental no ambiente universitário, contribui para a reprodução de abordagens individualizantes, medicalizantes e, em determinados casos, negacionistas em relação ao sofrimento psíquico. Tais interpretações tendem a desconsiderar as determinações sociais do adoecimento, reduzindo fenômenos socialmente produzidos a questões estritamente individuais, geracionais ou consideradas de menor relevância social, conforme problematiza Ferguson (2023).

Conforme apontado por Ramos et al. (2018), a baixa incidência de debates institucionais sobre saúde mental reforça práticas pontuais e focalizadas, incapazes de responder às necessidades concretas da população acadêmica. Dessa forma, compreender o sofrimento mental entre estudantes exige reconhecer que suas necessidades materiais e de cuidado constituem expressões da questão social e demandam respostas estruturais por parte das instituições.

Nesse sentido, o enfrentamento do adoecimento mental no espaço universitário demanda mais do que respostas pontuais e fragmentadas. Trata-se, sobretudo, de um necessário reposicionamento político da universidade pública diante do avanço da lógica mercantil, que converte a educação em serviço, o estudante em cliente e o conhecimento em mercadoria.

Como forma de adensar o debate, o presente trabalho teve como objetivo refletir sobre o perfil das(os) estudantes universitárias(os) e as dificuldades acadêmicas que interferem na saúde mental e na permanência estudantil na universidade. Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizou-se a ferramenta Google Forms para a elaboração de um formulário composto por questões de natureza quantitativa e qualitativa, disponibilizado virtualmente aos participantes. A pesquisa foi realizada com estudantes do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Todas as etapas do estudo foram orientadas pelos princípios éticos que regulamentam pesquisas com seres humanos. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFES, sob parecer nº 76212523.00000.5542, em conformidade com a Resolução nº 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep).

Resultados

A pesquisa contou com a participação de 123 estudantes do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Os dados levantados indicam que o perfil discente é composto predominantemente por mulheres cisgênero, correspondendo a 80% dos participantes. Essa predominância não se configura como um fenômeno casual, mas como resultado de um processo histórico e social vinculado à divisão sexual do trabalho e às relações de gênero na sociedade capitalista.

Genêro das estudantes.

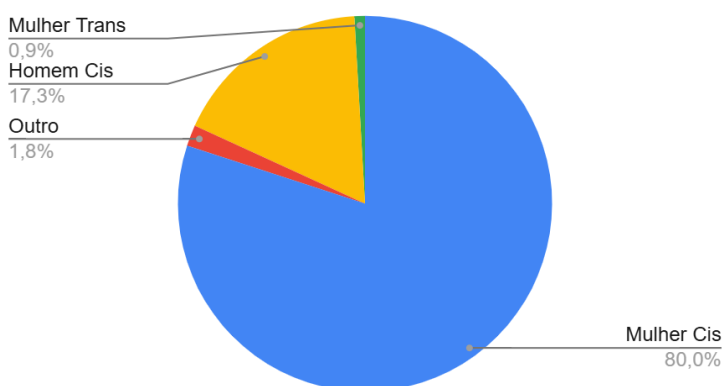


Gráfico 1: Gráfico representando em números o gênero das participantes da pesquisa.
Fonte: Elaboração das autoras.

A feminização do Serviço Social expressa, simultaneamente, a permanência de padrões tradicionais de gênero e as contradições presentes na sociabilidade capitalista, na qual determinadas profissões são socialmente associadas ao feminino e, ao mesmo tempo, desvalorizadas social e economicamente. Ainda assim, constituem-se como espaços fundamentais de inserção profissional e de produção de conhecimento crítico.

Os dados também indicam a predominância de estudantes jovens, especialmente na faixa etária entre 18 e 25 anos, totalizando 63 participantes. Esses indicadores permitem refletir sobre as particularidades das formas de sofrimento psíquico no ambiente universitário, especialmente quando relacionadas às desigualdades sociais, econômicas, raciais e de gênero que atravessam a experiência acadêmica e condicionam as trajetórias estudantis. As participantes relataram vivenciar o acúmulo de múltiplas responsabilidades associadas às exigências acadêmicas, ao trabalho remunerado e às atividades de cuidado familiar.

Somam-se a isso as frequentes pressões socialmente construídas em torno dos papéis de gênero, que frequentemente atribuem às mulheres maiores responsabilidades no âmbito doméstico e afetivo. Essas condições contribuem para processos de sobrecarga cotidiana, desgaste emocional e intensificação das situações de vulnerabilidade social.

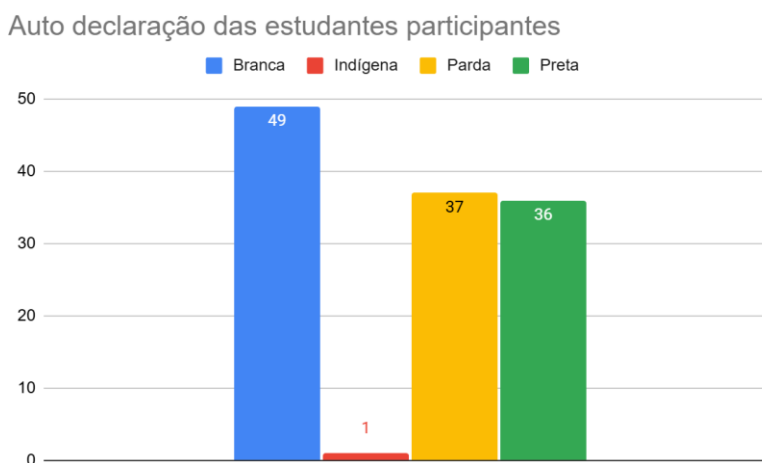


Gráfico 2: Dado étnico-racial.

Fonte: Elaboração própria.

Em relação ao perfil étnico-racial, observou-se predominância de estudantes pretas(os) e pardas(os), representando 73 participantes da pesquisa. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), articulados aos levantamentos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), apontam que mulheres negras constituem atualmente o maior grupo entre estudantes negros nas universidades brasileiras. Esses dados revelam avanços importantes no processo de democratização do acesso ao ensino superior público, ao mesmo tempo em que evidenciam a permanência de desigualdades estruturais que atravessam as trajetórias acadêmicas desses sujeitos.

Os resultados encontrados dialogam com a pesquisa realizada por Bonfim e Scheffer (2022), na Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que identificou perfil semelhante entre os estudantes investigados: majoritariamente feminino, negro, jovem e proveniente de famílias com renda entre um e três salários mínimos, frequentemente chefiadas por mulheres.

As manifestações dos estudantes acerca da experiência universitária evidenciam que o espaço acadêmico pode atuar como potencializador de processos de sofrimento e adoecimento mental. Entre os principais fatores apontados destacam-se as exigências acadêmicas, as dificuldades financeiras, as inseguranças relacionadas à permanência estudantil e os impactos das condições objetivas de vida. Além disso, os participantes reconhecem que o sofrimento psíquico extrapola os limites institucionais

da universidade, estando diretamente relacionado às múltiplas expressões da questão social presentes na sociedade contemporânea.

Considerações finais

Verificou-se que o perfil das(os) estudantes do curso de Serviço Social é composto majoritariamente por mulheres cisgênero, negras e na faixa etária entre 18 e 25 anos. A partir desses dados, é possível refletir que as experiências de sofrimento psíquico vivenciadas pelos estudantes estão fortemente relacionadas às desigualdades sociais, raciais, econômicas e de gênero que estruturam a sociedade brasileira e atravessam o cotidiano acadêmico.

Nesse sentido, a saúde mental da população universitária precisa ser compreendida para além de perspectivas individualizantes, biologizantes e descontextualizadas das condições sociais em que o sofrimento é produzido e vivenciado.

Dessa forma, torna-se fundamental que as universidades implementem políticas institucionais permanentes de cuidado, acolhimento e permanência estudantil, articuladas a estratégias coletivas e estruturais capazes de enfrentar os determinantes sociais do adoecimento mental no espaço universitário. Mais do que intervenções pontuais, faz-se necessária a construção de ações que considerem as condições objetivas de vida dos estudantes e promovam efetivamente o direito à educação e à saúde mental.

Referências

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (ANDIFES). **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) das IFES**. Brasília: Andifes, 2019.

BONFIM, G. C. P.; SCHEFFER, M. G. **A realidade das(os) estudantes de Serviço Social da UERJ na pandemia**. SER Social, [S. l.], v. 24, n. 51, p. 345–363, 2022. DOI: 10.26512/sersocial.v24i51.43094. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/43094. Acesso em: 19 jun. 2023.

BOSCHETTI, I. **Implicações da crise do capital na política de educação superior no Brasil no contexto atual**. In: SANTOS, C. M.; LEWGOY, A. M. B.; ABREU, M. H. E. (org.). *Supervisão de Estágio em Serviço Social: aprendizados, processos e desafios*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016. p. 11-29.

CISNE, Mirla. **Gênero, divisão sexual do trabalho e Serviço Social**. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

FERGUSON, Iain. **Capitalismo, coronavírus e sofrimento mental**. Argumentum, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 10–30, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/42525>. Acesso em: 13 maio 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. Brasília: Ipea, 2022.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

OLIVEIRA, Juliana Rosa Molina de. **Determinantes sociais e acadêmicos de saúde do estudante universitário: contribuições para a Assistência Estudantil a partir dos estudos da UFRJ e da UNIRIO**. 2024. 326 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **OMS destaca necessidade urgente de transformar saúde mental e atenção**. 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2022-oms-destaca-necessidade-urgente-transformar-saude-mental-e-atencao>. Acesso em: 13 maio 2026.

RAMOS, F. P. et al. **Intervenções psicológicas com universitários em serviços de apoio ao estudante**. Revista Brasileira de Orientação Profissional, v. 19, n. 2, p. 221–232, 2018.